

© Sibila Publicações



SUCESOS DE MADAME DE SENNETERRE
POR ELA REFERIDOS NO ANO DE 1799





JOSEPH FIÉVÉE

sucessos de madame de senneterre

por ela referidos no ano de 1799

ROMANCE

TRADUÇÃO DE
FILINTO ELÍSIO



Sibila
PUBLICAÇÕES

L I S B O A

Titulo: *Sucessos de Madame de Senneterre por ela referidos no ano de 1799*
Título original: *La Dot de Suzette ou Histoire de M^{me} de Senneterre racontée par elle-même*
Maradan. Paris, 1798
Autor: Joseph Fiévée
Tradução: Filinto Elísio
Tradução das notas do autor e do prefácio: Inês Pedrosa

© 2019 Sibila Publicações
admin@inespedrosa.com
www.sibila.pt
www.facebook.com/sibilapublic
www.twitter.com/sibilapublic
Este livro pertence à Colecção Coisas Que Ficam.

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Lisboa, Portugal

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão: Vanessa Domingos

Imagem da capa: *Autoportrait au chapeau de paillet*, após 1782, Louise Élisabeth Vigée Le Brun (1755-1842). National Gallery, Londres.

Imagem pp. 2 e 3: *The Tuilleries, 20th June 1792*. Alfred W. Elmore (1815-1881). Museu da Revolução Francesa, Vizille.

Imagem p. 4: *Les deux Confidentes*, gravura de Jean Ouvrier (1725-1784), a partir da pintura de François Boucher (1703-1770). Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque.

Imagem p. 65: *Secrets*, Frédéric Soulacroix (1858-1933).

1.ª edição: Junho de 2019

ISBN: 978-989-54367-1-2



Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

índice

<i>nota à edição</i>	9
<i>nota do autor I</i>	11
<i>nota do autor II</i>	13
<i>prefácio</i>	15
<i>dedicatória da</i>	21
<i>tradução</i>	
<i>sucessos de madame de</i>	23
<i>senneterre</i>	
<i>nota biográfica o autor</i>	107
<i>nota biográfica o tradutor</i>	109

La Dot.



*Madame de Senneterre! Ô Ciel! Madame
de Senneterre .*

O texto de Filinto Elísio foi modernizado quanto à grafia e pontuação e adaptado para uma edição generalista, na versão do Acordo Ortográfico de 1945.

Para a fixação do texto, foi utilizado o tomo XIX da edição de 1840 das *Obras Completas de Filinto Elysio* e consultado o tomo X da edição de 1818-1819, das mesmas *Obras* (o leitor pode encontrar mais informação sobre estas duas edições em *Cartas Portuguesas* [Sibila, 2018], no prefácio e na nota editorial de Nuno Júdice).

Filinto não incluiu na sua tradução o prefácio do autor. Por entendermos que este prefácio é parte integrante da obra, decidimos publicá-lo; da mesma forma, consideramos que as notas do autor — uma delas aludindo à edição de 1803 —, publicadas na edição francesa de 1839, traziam aos leitores informações relevantes e portanto também mereceram ser aqui reproduzidas.

Foram eliminadas as iniciais em maiúsculas de graus de parentesco e de profissões. Mantivemos as iniciais em maiúsculas em algumas formas de tratamento social, tais como «Conde», «*Monsieur*», «Dama», etc. para reproduzir um pouco do espírito do tempo em que a obra foi escrita.

Filinto Elísio utilizou na sua tradução as formas aportuguesadas de tratamento «Madama» e «Mademoisela», no lugar de mantê-las em francês — *Madame* e *Mademoiselle*. Mas não aportuguesou *Monsieur*, optando por utilizar a palavra francesa. Dentro da ideia de actualização, uma vez que o aportuguesamento destas formas de tratamento nos dias de hoje caiu em desuso, decidimos mantê-las na língua original.

Por outro lado, optámos por manter os nomes traduzidos — Susana (Suzette), Adolfo (Adolphe), Agostinha (Agustine) e Afonso (Alfonse).

Pretendendo respeitar a integridade da tradução de Filinto Elísio, optou-se por manter a pontuação usada nos diálogos pelo tradutor, que respeita o original francês.

G. L.

nota do autor I

A M. ***.¹

Paris.

O senhor deseja fazer uma nova edição de *La Dot de Suzette*². Pedem-lhe exemplares, e já de há muito que não existem; esses motivos parecem-me irrespondíveis.

Antes de ter feito *La Dot de Suzette*, eu escrevi sobre política com sucesso bastante para me tornar proscrito por diversas vezes; e foi no repouso tão natural a um proscrito que compus esta obra ligeira³. Porém, muitas vezes a criticaram por ter marcado a extensão do meu espírito, impedindo-o de se elevar às discussões que agitam a ordem social em França e na Europa. O senhor pensava que era para diminuir a força dessa crítica que eu não reimprimia esta obra; era simplesmente por indiferença; mas aceito com prazer a sua proposta.

Longe de desdenhar a pequena celebridade que este romance me conquistou, apenas lamento ter deixado passar os anos em que a imaginação se encontra mais activa para meter verdade nas ficções.

¹ Publicado na edição de F. Lequien, Libraire. Paris, 1839. (*Nota dos Editores*)

² *Sucessos de Madame de Senneterre por ela referidos no ano de 1799.* (*N. dos E.*)

³ Fiévée escreveu o romance na clandestinidade, enquanto fugia da perseguição do Directório (Primeira República, Revolução Francesa) devido às suas ligações à rede realista. (*N. dos E.*)

Desde que comecei a procurá-la nos factos reais e nos caracteres públicos, não a encontro; mas não é culpa minha. Fazemos os acontecimentos e as personagens de romance como queremos, e eles divertem; tomamos os acontecimentos e as personagens da ordem social tal como são, e há uma grande diferença. Talvez um dia a história do que nos ocupa divirta os nossos descendentes; essa é uma grande vantagem deles sobre nós.

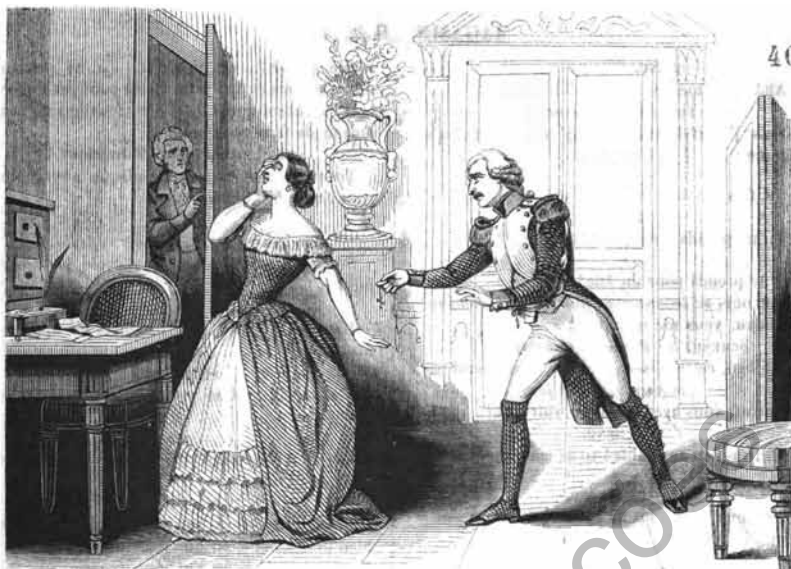
Tenho a honra de ser, etc., etc.

© Sibila Publicações

AVISO
da edição de 1803.⁴

Na época em que este romance apareceu, nenhuma obra estava livre da censura política, uma censura particularmente severa, porque se confiava ao medo de cada autor o cuidado de suprimir das suas produções tudo o que pudessem alarmar um governo ao qual tudo alarmava. Então longe de Paris, dei ao livreiro o direito de subtrair o que pudesse comprometê-lo; e ele utilizou esse direito. Fez bem. A tranquilidade de um pai de família vale mais do que um conjunto de frases. Não recuperarei nenhuma passagem suprimida, porque é sempre imprudente querer mais e melhor do que o que o público aprovou; mas, por respeito para com a língua francesa, pareceu-me que deveria corrigir os erros do impressor, dos falsificadores, e os meus. Tê-lo-ia feito mais cedo se tivesse podido adivinhar que uma obra tão ligeira chegaria além da França, e duraria mais do que as circunstâncias que a fizeram nascer.

⁴ Publicado na edição de F. Lequien, Libraire. Paris, 1839. (*N. dos E.*)



ACTE IV, SCÈNE XI.

LA DOT DE SUZETTE,

DRAME EN QUATRE ACTES, MÊLÉ DE CHANT,

par M. A. P. Dinaux et Gustave Lemoine,

REPRÉSENTÉ POUR LA PREMIÈRE FOIS, A PARIS, SUR LE THEATRE DE LA GAITE.
LE 19 MARS 1842.

PERSONNAGES.	ACTEURS.	PERSONNAGES.	ACTEURS.
CHENU, marchand de bestiaux.	MM. FRANCISQUE aîné.	UN NOTAIRE.	LAISNÉ.
PICHELOUP, herbager et mé- tayer de la Comtesse.	FRANCISQUE jr.	DEUX DOMESTIQUES.	FONDBONNE. COSTE.
LE COMTE ADOLPHE DE SENNETERRE.	SURVILLE.	LA COMTESSE DE SENNE- TERRE (premier rôle).	Mmes GAUTIER
BEAUVISAGE, précepteur.	NEUVILLE.	SUZETTE.	CLARISSE.
CHOPINET.	GUSTAVE.	CADICHE, cousine de Picheloup	LÉONTINE.

La scène se passe, pour le premier acte, au château de Senneterre, dans le Berry ; pour le deuxième acte, à la ferme, en 1791 ; pour le troisième et le quatrième acte, à Paris, 1797.

NOTA. Toutes les indications de droite et de gauche sont prises du parterre. La première personne inscrite occupe l'extrême gauche. — S'adresser pour la musique et les airs à M. Béancourt, chef d'orchestre au théâtre de la Gaîté.

ACTE PREMIER.

Parc du château de Senneterre. A droite, pavillon avec persiennes qui font face au public. A gauche, au premier plan, table en pierre, chaises de jardin, deux autres chaises devant la fenêtre du pavillon. Chenu a une grande veste ronde de ratine tombant très-bas, gilet à fleurs, guêtres en cuir, ceinture rouge, bonnet de coton rayé rouge et bleu, chapeau avec brûle-gueule.

SCÈNE PREMIÈRE.

CHENU, PICHELOUP ; même costume que Chenu, bonnet de coton blanc, guêtres de toile.

Ils sont assis devant la table en pierre, une sacoche est à leurs pieds.

CHENU.

Vingt-sept !

PICHELOUP.

Vingt-huit !

CHENU.

J' te dis qu' ça fait vingt-sept !

PICHELOUP.

J' te dis qu' ça fait vingt-huit

Existem muitos livros cujo sucesso espanta; *M. de Moncrif*⁵ disse, há muito tempo, que eles devem o êxito a uma causa bem natural, que é a de os autores dessas obras lhes meterem dentro apenas a proporção de espírito que supõem ter a maioria dos leitores. Se repetíssemos hoje isso, passaríamos por homens grosseiros; no entanto, *M. de Moncrif* era excessivamente polido.

A moda, que decide de um modo tão afirmativo em literatura como nos costumes, quer agora o extraordinário, e desde que um romance seja terrivelmente maravilhoso, não nos importamos que fira o bom senso. Aterrorizar durante três volumes, e empregar o quarto a provar que não vale a pena aterrorizarmo-nos, eis o cúmulo do talento.

Afinal, não se deve gritar contra o público. Muitos livros maus são bem acolhidos, o que prova a sua indulgência e o seu amor pela novidade; mas é certo que as boas obras permanecem sós, o que prova o seu gosto. Podemos dizer do público o que se diz dos actores, de que tanta gente se queixa sem razão: «Muitas vezes aceitam peças medíocres, mas não conhecemos uma só boa que eles tenham recusado.» Quanto à moda como quanto

⁵ Referência a François-Augustin de Paradis de Moncrif (1687-1770), escritor, poeta e historiador real, durante o reinado de Luís XV. (*N. dos E.*)



*Vous ne devez pas recevoir les visites de ce
Lovelace, quoique . . .*

Marillier. del.

Delignon. sculp.

Ilustração de *L'Histoire de Clarissa*. Gravada originalmente por Abbé Prévost de *Oeuvres choisies* (Paris e Amsterdão, 1783-1784). © The Trustees of the British Museum.

à opinião, podemos no entanto tentar aprender com os erros, e incluo neles a ideia muito difundida de que há mais *imaginação* num romance carregado de incidentes do que num romance em que os acontecimentos nascem, sem esforço, do carácter das personagens, e servem mesmo para o desenvolver.

Faremos em duas linhas a análise de *Clarisse Harlowe*⁶: porquê? Porque o tema é de uma simplicidade admirável. Um libertino sistemático quer seduzir uma rapariga sistematicamente recatada, por princípio e por carácter — eis todo o romance, e é um dos mais volumosos que se conhecem. Que *imaginação* não terá sido necessária para preencher esta tela, e para permanecer sempre na mesma posição, sem deixar de ser interessante! *Clarisse Harlowe* parece-me uma *verdade* demonstrada até à evidência; os romances novos, pelo contrário, assemelham-se a *mentiras* que reviramos de mil maneiras, sem nunca conseguir dar-lhes um ar de verosimilhança.

Os poetas antigos, para exprimir a candura da verdade, representaram-na completamente nua; creio que o erro é muito mais ingénuo. Para nos enganarmos, basta que nos reportemos aos nossos sentidos; para conhecermos a verdade, é preciso observar incessantemente, e observar bem, o que é muito difícil.

Pensar que o Sol gira em torno da Terra é um *erro* ingénuo que, para a maior parte dos homens, é de uma evidência que não precisa de demonstração; mas para adivinhar que é a Terra que gira, que *imaginação* foi preciso ter!

Até à descoberta da América, que foi ontem, todos os povos acreditavam que a Europa, a Ásia e a África compunham a totalidade do nosso mundo; esse erro equivalia a uma certeza. Que *imaginação* possuía aquele que, pela primeira vez, ousou duvidar disso! No entanto, era nessa dúvida que se encontrava a *verdade*.

Desde o início da existência do mundo, não há nem nunca houve um axioma de governo reconhecido de um modo geral, já

⁶ Lançado em 1748, *Clarisse Harlowe* ou *Clarissa, or History of a Young Lady* é um romance epistolar de grande sucesso, no estilo pré-romântico, da autoria do inglês Samuel Richardson (1689-1761). O enredo retrata o cerco que Richard Lovelace, um dos maiores vilões da literatura, faz à jovem virtuosa Clarissa. Teria servido de inspiração para outro romance, *Les Liaisons Dangereuses* (1782), do escritor e general francês Choderlos de Laclos (1741-1803). (N. dos E.)



O primeiro beijo de amor, volume 1, ilustração de *La nouvelle Héloïse*, 1773. Gravura de Noël Le Mire (1724-1801), a partir do quadro de Jean-Michel Moreau (1741-1814). Los Angeles County Museum of Art.

não digo na prática, mas nem sequer em teoria: podemos dizer o mesmo em termos de administração. A moral flutua, incerta, entre mil sistemas; o homem é um problema que em vão o homem se esforça por resolver: experimentamos sensações e ignoramos-lhes a causa; procuramo-la e enganamo-nos; queremos defini-la, e perdemo-nos; os séculos passam, caminhamos de erro em erro e não nos cansamos de dizer que a *verdade* está completamente nua.

Creio que não é preciso *imaginação* para enganar, para mentir, para sermos extraordinários; é preciso tê-la, sim, para sermos naturais e verdadeiros, mesmo quando inventamos, e é esse o selo distintivo dos grandes escritores que criaram romances. A *Héloïse*⁷ de Jean-Jacques Rousseau é mais útil para a História do coração humano do que cem volumes de moral.

Depois de ter citado *Clarisse* e *La nouvelle Héloïse*, seria ridículo falar de *La Dot de Suzette*, e, graças a Deus, tenho suficiente amor-próprio para que a modéstia não me falte. Mas, como desejo dar às pessoas que lêem uma ideia da imaginação que é preciso ter para se ser verdadeiro ao inventar, suponhamos um autor que queira pintar um retrato que se possa reconhecer, sem o enfraquecer nem exagerar. Esta é a primeira pergunta que colocará a si mesmo: «O reconhecimento é um sentimento ou um dever?» Eis a resposta, que exige algumas reflexões:

«Na sua primeira explosão, o reconhecimento é um sentimento mais ou menos vivo, na proporção mais ou menos presente do benefício; passada a primeira explosão, o reconhecimento enfraquece enquanto sentimento, e entra então na classe dos deveres. O reconhecimento, considerado como sentimento, pertence inteiramente à natureza; é comum a muitos animais como aos homens. O reconhecimento, considerado como dever, pertence inteiramente à sociedade. O triunfo do estado social é o de ter transformado numa obrigação cuja observância se torna virtude sentimentos que, no estado natural, enfraqueceriam pelo simples efeito do tempo.»

⁷ *Julie ou la Nouvelle Héloïse* é um romance epistolar, no estilo pré-romântico, da autoria do escritor suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e lançado em 1761 em Amesterdão. Originalmente publicado com o título *Lettres de deux amans, Habitans d'une petite ville au pied des Alpes*, é uma história de paixão e renúncia cristã. Especula-se que terá sido o livro mais vendido do século XVIII. (N. dos E.)

Feita esta distinção, o autor que quiser pintar o reconhecimento sentirá o momento em que ele deixa de ser activo para não ser mais do que um dever; mas um dever cumprido é muito frio num romance, onde tudo deve estar em acção, e eis uma nova dificuldade.

Que faz ele? Apoia o reconhecimento numa paixão violenta; o amor, por exemplo. Esse amor não pode manifestar-se, mil razões o forçam a esconder-se de todos os olhares; mas agita a personagem que o sente; compensa o constrangimento de uma paixão que tem de abafar, transportando toda a actividade da sua alma para um sentimento que pode testemunhar. Os espectadores enganados admiram a força do reconhecimento: os espectadores instruídos (e é nessa posição que se encontra o leitor) sorriem da boa-fé com que o amor se manifesta, mesmo disfarçado.

Certamente haveria nesta situação, se fosse bem dada, mais *imaginação* do que numa montagem de edifícios em ruínas, fantasmas e trovoadas, porque tudo seria recusado ao aleatório, tudo seria concedido à verdade, e é preciso repetir incessantemente que só na pintura daquilo que é ou pode ser verdadeiro há *imaginação*. Não é a primeira vez que escrevo, mas é a primeira vez que tento um romance; é muito curto, duvido das minhas forças; gostaria de o ter apertado ainda mais, sobretudo nas trinta primeiras páginas; não consegui. Pinte um quadro dos costumes actuais, o tema exigia-o; os vícios que atormentam a sociedade são da responsabilidade da sátira. O que me desculpa é que não quis designar ninguém em particular; o que me consola é que ninguém confessará reconhecer-se.

Mas apercebo-me de que o prefácio é maior do que a obra. Que devemos concluir? Que é mais fácil reflectir do que pintar; e era isto o que eu queria dizer.

JOSEPH FIÉVÉE

dedicatória da tradução

À SENHORA
D. MARIA ANTONIETTA MATHEVON
DE CURNIEU.⁸

ODE.

«Que tão queridos tinha e tão mimosos.»
Camões. Canto. 3º.

Que vale à vida entesourada cópia
De cunhado metal? Oh nobre dextra,
A que com siso o esparge pelos sótãos
Da encolhida pobreza!⁹

Compra a fama com dons o que abre os cofres
Para ajudar talentos desvalidos
A dar à luz os quadros da Virtude
Pela arte aformosados.

Tu, delícia do esposo, de irmãos glória,
Do pai retrato delicado e vivo,
Aos filhos que amas com carinho puro
Dá puro e grato ensino.

⁸ Dedicando-lhe a tradução de *La Dot de Suzette*. (Nota de Filinto Elísio no tomo 1 da segunda edição das Obras Completas, A. Bobée, Paris, 1817.)

⁹ *L'or n'est utile et bon que dans les mains de la vertu, lorsqu'elle les étend pour soulager le malheureux.*

Lettre d'Eliza à Yorick. (N. de F. E.)

Nesta Dama tens rasgos engenhosos,
Em Ti os tens melhores; e uma e outra
C'o exemplo, co'a leitura, sêde os mestres
Dos mimosos Infantes.

Com teu auspício aceite em versão Lusa
A grata Senneterre ir dar transunto,
Ir dar consolação a nobres peitos,
Da Gratidão sacrários.

FILINTO ELÍSIO

NASCIDA NA ILHA DE S. DOMINGOS, me mandou meu pai à França, onde recebesse educação, que ele com avultados cabedais não conseguira que junto dele me fosse dada. Vivem naquelas terras ardentes tão soltamente os homens com suas escravas, que receou sem dúvida meu pai em mim o efeito das primeiras afeições, tão perigosas sempre nos poucos anos. Tínhamos parentes em Paris, em cuja casa me apeei com meu irmão, que me acompanhou na viagem, e tinha então de idade vinte e cinco anos, quando eu só dez.

Passados alguns dias de repouso, e despendidas algumas semanas em ver quanto em Paris pode embelezar uma menina como eu, me meteram educanda num convento. Muitas vezes ouvi declamar contra a educação que neles se recebe; eu porém sem razão me queixara, nem me deslembrei da gratidão que devo a Sórora N. de Santa Úrsula. Perdi quanto me dera a fortuna; mas toda a minha vida conservarei o fruto das lições dessa respeitável Sórora. Quando no convento entrei, nada sabia, nem ainda ler: não ignorava contudo que era linda; nem podia ocultar-me que era rica a prodigalidade que meu pai comigo usava. Tendo adquirido hábito de mandar, não me dobrava a obedecer, e de mui ocupada de mim só, cabia ser a todos mais insuportável.

Apenas passado um mês, já todas as minhas companheiras me detestavam; o que pouco me abalava; que não sentia ainda eu a carência da amizade, e como desde a infância me tinham adivinhado os pensamentos, nenhum movimento de sensibilidade, nem ainda mesmo acerca de meu pai, tinha eu ainda experimentado. Dava-me mimo, e eu não o amava com veras: que assim vai o uso. Sobeja condescendência para com os filhos produz o mesmo efeito que sobeja severidade. Por necessária consequência amava, e respeitava eu muito a meu irmão, que único até então nunca se quis submeter a meus caprichos. Veio ele ver-me, e eu lhe pedi que me tirasse do convento que me desgostava de morte. Disse-me ajuizadas razões; pus-me a chorar; foi-se embora; fiquei abafando, de cólera e de despeito.

Neste estado é que me encontrei com Sórora de Santa Úrsula, que se compadeceu de mim; e era a vez primeira que me sentia necessitar de consolação; a qual ela condescendeu com tanta brandura, e entremeava com as suas consolações tão ajuizada solidez e tão adaptada à alçada da minha inteligência, que reflectir e amar foi caso dum momento. Entregue inteiramente a seus conselhos tinha o primeiro castigo, quando tal o merecia, no receio de desgostá-la, antes mesmo que ela mo estranhasse. Que vos direi? Em três meses só de prazo recuperei a amizade das outras educandas, mereci os desvelos dos mestres, que até ali dera por venturosos de que os pagassem para nada me ensinarem, e careei a afeição da aia que me deram, que muita vez se quis despedir, porque eu as mãos lhe punha. Restaurado quase tinha aos doze anos o tempo que perdido tinha, e aplaudia já meu irmão os meus progressos, e a mudança de meu génio; lograra já a Sórora de Santa Úrsula o fruto de suas obras; e para as aperfeiçoar, empenhou seu amor-próprio, inspirando-me mais emulação, e mais modéstia. Numa palavra, contava eu já dezasseis anos, quando pela primeira vez me falaram em me despedir do convento: notícia que me deu pesar; porquanto me afeiçoara ao estudo, e mormente ao retiro. Não que a Sórora me afigurasse a religião como incompatível com o mundo; jacobice que de baixa lhe não entrava na ideia; e ela, de além sabia que destinada